

HISTÓRIA VIVA

Um VAQUEIRO CONTADOR DE HISTÓRIAS

LUCIANA AMORMINO

Quando eu era menino, só tinha em Santa Quitéria umas duas casinhas e uma rancharia. Existiam três casas velhas lá do outro lado da rodagem, perto do rio. Era o que existia quando eu me alcancei por gente. Então, de pouco tempo para cá, aqui foi modificando, modificando, e está do jeito de hoje.

Eu quero morrer reto até o fim da minha vida. Tenho meus amigos e, graças a Deus, moro aqui. Sou o caçula da família toda. Se eu chegar aqui nessa rua, nesse território, eu grito aqui, grito na rua, grito em qualquer beirada: 'Eu sou gente, sou homem, sou direito'.

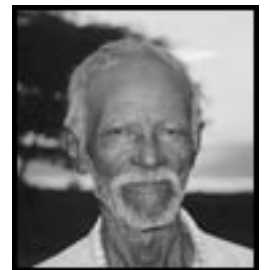
Hoje, eu não trabalho mais porque trabalhei muito no campo, fui homem de coragem, homem para pegar boi no facão, fui homem para tudo, menos para briga. Fiz tudo na coragem. Eu gostei muito de gado, toquei muito boi aqui nessas matas. Eram bois de Seu Dario, e eu ia para Paraíso, Feira de Santana, por essas matas tudo aí.

Não é difícil tocar boiada. De Paraíso até a Feira de Santana, são cerca de oito dias de viagem. Tinha vez que a gente levava um lote com 100, 200 bezerros. Era um bando de gente que ia, uns na frente e outros no meio. Eu e meu compadre Alberto labutemos muitos anos juntos. Uma vez, ele comprou 80 bois e, no meio, tinha uma vaca braba. Fomos, então, buscar os bois no sítio, que ficava a uma légua daqui. Começamos e lá vai, lá vai, pegando boi e, quando nós chegamos na fazenda, o vaqueiro de lá disse que tinha dois bois que ninguém pegava. Um era o boi pintado, que se chamava "Boi de Leandro" e, o outro, "Catueiro".

O Catueiro

A gente tinha um facão pequeno, igual a um ferrão. A gente chegava e punha ele pendurado no cavalo. O boi vinha e batia nele. Batia aqui e a gente só empurrava o cavalo para trás. Se o boi viesse mais alto, se viesse mais baixo, a gente fazia a manobra na mão. Eu só confiava no meu cunhado Alberto. Tinha uns dez vaqueiros no campo, mas eu só confiava nele. Se ele não tivesse lá, eu me retirava, porque saía todo mundo assim e eu ficava sozinho. Ele era companheiro de fé, e ele também levava fé em mim.

Quando foi um dia, a gente ia pegar um boi difícil, o Catueiro. Nesse dia, tinha 11 vaqueiros e o boi estava no meio do aguaceiro. E lá vai a viagem com aquela arrelia: "Como é que acha um boi e não pega". E, eu, calado. Eram 11 vaqueiros, mas ninguém ali prestava para isso não. Prestava para outras coisas, mas para isso, não. Para tocar um boi daquele, num facão, é duro. Lá adiante, avistando a casa de Cici, montado no burrinho: "Vocês querem ir tentar o Catueiro, vamos, porque eu sei que vai empatar de pegar quatro ou cinco bois aqui..." E, eu, calado. Aí, eu vi o Catueiro



Lourival dos Santos
baiano de Santa Quitéria,
80 anos

Quando eu era menino, só tinha em Santa Quitéria umas duas casinhas e uma rancharia. Existiam três casas velhas lá do outro lado da rodagem, perto do rio. Era o que existia quando eu me alcancei por gente. Então, de pouco tempo para cá, aqui foi modificando, modificando, e está do jeito de hoje.

HISTÓRIA VIVA

UM VAQUEIRO CONTADOR DE HISTÓRIAS

LUCIANA AMORMINO

e o mostrei para todo mundo. O Catueiro me deu um trote. Cheguei de mansinho, ele olhou assim para mim, foi caminhando de banda, de banda, até que tomou a palha. Ali, eu falei: "Diacho". Chegou lá, ele virou de frente para nós e eu disse: "Não encosta ninguém". Isso foi oito horas da manhã. Lá pelas duas horas da tarde, ninguém tinha encostado junto. Aí, eu montado num cavalo Castanho, que era um cavalo bom que o patrão tinha comprado, mas que não sabia o que significava: tanto fazia o boi matar ou não. Eu me afastei e Creciano disse assim: "Eu não disse que você não pegava o Catueiro. Ele pega só de fuzil". Eu afastei de longe, apeei e apertei o cavalo bem apertado. Ele olhou assim para mim. "Tu estás apertando o cavalo assim para quê?" Eu disse: "Eu vou tocar o Catueiro no facão". Ele disse: "Tocar o quê?". Falei: "O Catueiro no facão". Ele disse: "Finado. Finado Lourival. Quer falar duro? Finado. Finado. Nós vamos ver o Catueiro te matar e ninguém vai lá te socorrer. Finado". Falou umas quatro, cinco vezes: "Finado Lourival". Eu falei: "Eu vou tocar o Catueiro no facão. Só não posso olhar para ele. Se olhar, ele pega. Eu vou de cabeça baixa, montado no cavalo, puxo o facão aqui e quando o Catueiro partir de lá para me topar, vocês gritam 'é o Catueiro'". Então fui e eles: "Olha o Catueiro, o Catueiro". Parei o cavalo. Fiquei só com a ponta do facão. Eu pensei: "Virgem Maria". Quando eu vi, o Catueiro tava em cima mesmo. Vou ver se eu sossego o dele, porque, se sossegar, fica melhor. Coloquei a ponta do facão nele. O facão que a gente usa no campo é danado, é um patrimônio. O sangue subiu, meteu os pés de cá para lá e veio de novo. Mas quando ele veio de novo, eu estava na mesma posição. Bati a perna no cavalo, dei mais duas passadas para frente e ele se afastou de costas. Então, eu gritei para os homens: "Me tragam uma corda". Nenhum dos homens foi lá. "Manda uma trilha, com tanto homem". Aí, Celso veio por detrás dos paus, arranjou uma vara e me deu uma corda. Cheguei, labei o Catueiro. Amarrei, desapeei do cavalo, sozinho e Deus, passei o cinturão nele e o boi caiu. Segurei com dois pés enquanto eu pegava na mão, mas, muito cansado também, quando eu pegava na mão para amarrar, ele bulia assim e escapulia. Disse "Vamos, o Catueiro está amarrado". Eles disseram: "Está bem amarrado?" E eu disse: "Gente, está amarrado e apeado". Eles vieram, ajeitamos tudo, cortamos o chife, pintamos, colocamos careta, chocalho. Chegando na casa do Alfredo, eu soltei o Catueiro sozinho. Se alguém conversava, o Catueiro corria atrás. Na hora que eu falava assim, ele suspendia a cabeça e baixava dentro do curral. Ficou só o "Boi de Leandro". Parecia que era encantado, ninguém nunca encostava. Meu cumpadre tinha um cavalo chamado Canguru, que era bom de sela. Aquilo que era cavalo. Decidimos deixar o cavalo Canguru descansado, porque o dia que eu encontrasse aquele boi, eu podia até não pegá-lo, mas eu queria fazer um serviço que prestasse. Neste dia, meio-dia para tarde, nós topamos ele. Vinha uma vaca parida e os bezerros, o cachorro trabalhando com a vaca parida, a vaca berrando, quando o Catueiro riscou, eu ia com o compadre Jorge e o compadre deu outro corte. O cumpadre deu um tapa no cavalo dele e disse assim: "Boi de Leandro". Eu

HISTÓRIA VIVA

Um VAQUEIRO CONTADOR DE HISTÓRIAS

LUCIANA AMORMINO

cheguei e disse na pancada: "O quê? Esse bicho pega!" E ele: "Não, o que é isso". Quando gritou "Boi de Leandro" o cavalo pulou. Parecia que tinha um motor. Ele encostou no capão do boi e eu senti o peso. O cavalo colou no boi e lá vai nós, fomos longe. Bem adiante, tinham duas braúnas. Do jeito que nós íamos de cá, e o negócio ia tão arrojado, o boi ia tão doido, que o boi foi de cá e fez assim: vupt. Então, passou para frente e engançou no copão. O boi ficou numa dança assim: torce para um lado, torce para o outro, tentando sair. Olha, mas quando ele saiu, ele não correu mais. O boi trotou e virou para mim. Peguei o chicote e comecei a bater na cara dele, até que, depois de muito tempo, apareceu o compadre Jorge e o Freire. Eles ouviram meu grito e falaram assim: "Aquele é o cumpadre Lourival gritando, e é aquele é o 'Boi de Leandro'". Quando eles chegaram, eu estava na testa dele ali. Nós passamos uma corda e botamos o boi no chão. Falei para o vaqueiro: "Isaías, acabou de arriar. Pois arrume meia dúzia para mim desse aí!". Já estava arriado, falei o que eu queria e banquei o vaqueiro. Eu disse: "Desse aí, pode vir uma dúzia". E aí, é o seguinte: todo boi de boiada brava, foi tudo pegado em facão. Tudo tocado assim.

Deus é bom. Tive coragem para isso. Só não tive coragem para brigar com ninguém, graças a Deus. Um dia, peguei um boi de mão sozinho no Antônio Justino. Eu peguei o boi e coloquei ele no chão, sozinho e Deus. Tinha coragem, tinha. Mas montei de noite, de dia, em pêlo, em cela, corria atrás de boi, topava no facão, fazia isso tudo. Não sinto nada no campo. Não tem uma unha minha que foi machucada no campo. Quando eu começo o movimento, êta saudade! Nessa rua tinha uma venda. No dia que eu montava nesse cavalo, todo mundo saía. Fechavam tudo. Fechavam a venda. Eles falavam que tinha que fechar mesmo, porque senão eu pulava por cima da janela, vinha saltando lá e pulava para dentro. Já fiz muita coisa. Eu vou dizer, tenho saudade da minha vida.

E até hoje, se eu não sentisse a coluna, eu tinha uma impressão comigo que eu ainda dava um recadinho assim, ligeiramente assim. Se encontrasse um cavalo bom daquele, ainda pegava um arrieozinho besta daqui e dali. Estou velho assim, mas estou inteiro ainda. Mas, já fiz muita coisa. Até hoje deliro quando falam de vaqueiro, me botam lá naquele mundo. Vou morrer com saudade.